

Evidentemente, caro Frade, que, se olharmos a isso, o teu artigo, a tua clara síntese *sobre a metafísica de Heidegger* é esplêndido e certamente vai tornar alguns mais conscientes, e fazer as delícias dos sequazes dessa moda filosófica.

Mas o que me chocou não foi isso. Tu, Frade, tu o moço cheio de vida e de espírito combativo que eu conheci e admirei, não poderias ter escolhido outro assunto mais modesto, menos falado, mas mais *útil*, dando a êste termo tôda a fôrça e dinamismo que êle possui?

Dize-me com tôda a franqueza (imagina que esquécido da publicidade desta carta ia a escrever a plebeia mas expressiva *franqueza, franquezinha!*) que pensas ao ler Heidegger, Scheler, Hartmann ou outro qualquer dêsses senhores? Não te dá assim a impressão que acabas de ler um conto de fadas muito lógico dentro do seu irreal? Convences-te, ou melhor, atribúis uma realidade (entendendo por real tudo o que tem possibilidade de acção), ao *temporalismo*, às *philosophische Verlegenheit*, ao *Furcht*, à *Angst* etc., etc., do filósofo alemão? Dize-me, com a mão na consciência e com tôda a lealdade de que te sei capaz: uma vez percebida a filosofia de Heidegger em que mudaste a tua maneira de ser, de agir e até de pensar?

E se num esforço de compreensão tentasses comparar a poética explicação heidgeriana com os dados positivos da ciência, que concluirias?

Vê bem, meu caro, a *utilidade* que tiraste de tal estudo, e mede agora a *utilidade* que os leitores da Síntese tirarão do teu artigo.

Olha, Frade amigo, sejamos rudemente francos:

Êsse conjunto de coisas que cabem sempre dentro do rótulo condescendente de «Filosofia» podem hoje, para o pensamento moderno, sistematizar-se numa classificação tripartida: *filosofia poética, filosofia moral e filosofia científica*. Não te assustes com os rótulos. São meus e vieram-me ao bico do aparato sem serem produtos de grande reflexão. Não esqueças, (nem os outros), que tôda esta arenga é uma carta de amigo para amigo e não um ensaio académico. Mas voltemos ao assunto.

E' um logar comum dizer-se que o Homem tem necessidade de explicar o universo onde reside, e a vida que vive. E' um facto e a história da civilização com todo

o seu longo cortejo de sistemas religiosos e filosóficos é a melhor prova duma tal afirmação. A própria criança, o selvagem, até o louco, criam um quadro explicativo do mundo e da vida para seu uso pessoal. Há realmente poderosas imaginações fortes facultades dedutivas que conseguem sistematizar conhecimentos positivos aceites por determinada época e que criam sistemas que podem ser *utilizados* (vê bem o sintomático do termo) colectiva ou até universalmente. Isto parece uma heresia à primeira vista. Mas olha, caro Frade, que a diferença que separa a explicação do mundo dada pelo filhito dum amigo meu, que vê em tudo a acção benéfica ou maléfica de certas entidades que a sua imaginação criou, e os sistemas ontológicos de que a filosofia está cheia, é apenas uma diferença de grau!

Estas são as tais filosofias a que eu chamava *poéticas*.

E, se reflectires um pouco na história dos grandes sistemas, verás que é justamente esta explicação das realidades, êste esquema criado pela dedução, intuição ou imaginação que morre, que desaparece, que 100 anos depois até ridículo se torna. Lembra-te do sorriso irónico com que ouvimos falar das explicações dum Tales, dum Anaximandro, dum Heráclito, para não sairmos da pátria da filosofia.

Mas, se êsses sistemas arrastam como consequência lógica uma série de *normas de conduta, de valores morais*, que enformam a consciência social duma época determinada, ou até (sôbre tudo talvez) que objectivam as necessidades vitais do homem social, tu verás, consultando as páginas da História, como êsses sistemas se mantêm através de tudo, defendidos e combatidos, que é o mesmo que dizer *vivos e reais*.

Ora estes sistemas porque são *filosofias morais*, aceitam-se, seguem-se, retificam-se por vezes, mas vivem sempre. Falar dêles, discuti-los, levantar problemas à sua volta, é algo de *útil* e sempre *sedutor*.

A terceira modalidade de que te falei e que para o nosso tempo me parece constituir o verdadeiro labor do espírito filosófico é a reflexão crítica sôbre os dados, métodos e teorias científicas. James disse um dia que o Homem culto segue fatalmente uma metafísica. Melhor seria dizer: o Homem no seu esforço de cultura apoia-se não sôbre uma mas sôbre duas metafísicas